

ESCOLA DE SAMBA “EMBAIXADA COPA LORD”: A MÚSICA NA CONSTRUÇÃO DE ESPAÇOS DE SOCIALIZAÇÃO E CULTURA NEGRA

Áurea Demaria Silva *

RESUMO: Nesta comunicação apresento resultados de pesquisa de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Música da UNESP. O presente texto versa sobre relações entre práticas musicais e formas de sociabilidade nos espaços da escola de samba Embaixada Copa Lord (Florianópolis, SC), como os ensaios, os bailes e as festas, enfocando o potencial desses encontros para a valorização do samba e da cultura negra no contexto local.

PALAVRAS-CHAVE: Samba e socialização; Escola de samba; Carnaval de Florianópolis; Embaixada Copa Lord.

ABSTRACT: In this paper I present results of research developed in the Program of Masters Degree in Music of UNESP. The present text turns about relationships between musical practices and sociability forms in the spaces of the samba school “Embaixada Copa Lord” (Florianópolis, SC), as the rehearsals and the parties, focusing the potential of those encounters for the valorization of the samba and of the black culture in the local context.

KEYWORDS: Samba and sociabilities; Samba Schools; Carnival of Florianópolis; Embaixada Copa Lord.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta resultados de pesquisa de mestrado realizada junto à bateria da escola de samba Embaixada Copa Lord, agremiação carnavalesca da cidade de Florianópolis, Santa Catarina.¹ Enfocando principalmente as vivências musicais dos integrantes da bateria da escola de samba – os batuqueiros, batuqueiras e mestres – o trabalho objetivou compreender as relações entre as práticas musicais e formas de sociabilidade engendradas nos espaços da Embaixada Copa Lord. O presente texto aborda aspectos do ambiente dos ensaios, bailes e festas enfocando o potencial desses encontros para a valorização do samba e da cultura negra no contexto florianopolitano.

1 A ESCOLA DE SAMBA EMBAIXADA COPA LORD

A Embaixada Copa Lord é uma das escolas de samba mais antigas do carnaval de Florianópolis, tendo sido fundada no ano de 1955. Segundo a história contada por seus componentes e registrada em pesquisas precedentes (TRAMONTE, 1996; SILVA, 2000) a escola teve como local de surgimento o Morro da Caixa D’Água, localidade atualmente conhecida também pelo nome de Mont Serrat. O lugar de origem desse agrupamento foi um dos primeiros núcleos de ocupação da população negra nas proximidades do centro urbano, formado principalmente a partir de famílias que vieram de zonas rurais vizinhas da ilha de Santa Catarina, como Biguaçu e Antônio Carlos durante a década de 1920 (SOUZA, 1996). A esse núcleo pioneiro de ocupação agregaram-se ainda marinheiros procedentes do Rio de Janeiro e também do Norte do país, que vieram à Florianópolis prestar serviços militares pela ocasião da fundação do 5º Distrito Naval, muitos dos quais estabeleceram residência fixa na

* Mestre em Música pela Universidade Estadual Paulista – UNESP. Endereço eletrônico: aureademaria@hotmail.com.

¹ *No balanço da “Mais Querida”*: música, socialização e cultura negra na escola de samba Embaixada Copa Lord – Florianópolis (SC), pesquisa realizada no Programa de Pós-Graduação em Música da UNESP, no período 2004-2006, sob a orientação do Prof. Dr. Alberto T. Ikeda.

cidade (TRAMONTE, 1996, p. 86). A presença dos marinheiros nas proximidades do Morro da Caixa fez com que aquela região se transformasse em um “reduto de samba” (idem). Com o intuito de “matar as saudades” do carnaval do Rio de Janeiro os marinheiros cariocas foram os principais incentivadores das primeiras escolas de samba de Florianópolis (idem).

A Embaixada Copa Lord foi a terceira escola de samba a surgir nesse “reduto” sendo considerada atualmente uma das escolas de samba mais “tradicionais” do carnaval da cidade. Dentre os fatores que compõem essa imagem de escola tradicional destacam-se principalmente: a) a sua condição de pioneira, ou seja, ser uma das mais antigas em atividade; b) o seu local de surgimento (um dos morros da cidade, o que traz similitudes entre o processo de formação das primeiras escolas de samba cariocas e a trajetória da Copa Lord); c) o fato de congregar uma grande parcela de afrodescendentes, provenientes não só da comunidade do Morro da Caixa (Mont Serrat) como também de outros bairros de Florianópolis. De maneira bastante resumida, pode-se dizer que a Copa Lord é identificada e se auto-representa como uma “escola de morro”, “de cultura afro”, “tradicional” e, portanto, “autêntica”.

2 UMA “LEITURA” SOBRE O SAMBA E AS ESCOLAS

Há atualmente uma grande quantidade pesquisas realizadas sobre o samba e as escolas de samba, e esse campo de estudos encontra-se em um crescente processo expansão (ARAÚJO, 2005, p. 194). Diante disso, pretendo focar neste texto principalmente os estudos que foram norteadores da construção de fundamentos teóricos e metodológicos em minha abordagem do samba e dessas específicas agremiações (as escolas de samba) enquanto objeto de estudo.²

Dentre as questões presentes no debate desse campo de estudos busquei problematizar a idéia de que os espaços do samba promovem a mediação entre diferentes grupos sociais e que o carnaval seria um grande ritual de integração social. Bastante representativas nessa linha de pensamento são as pesquisas de Goldwasser (1975), Leopoldi (1977), Cavalcanti (1994) e Vianna (1995). De fato, há que se considerar que a mediação cultural é um dos elementos que compõem a *cultura do samba*.³ No entanto, é preciso enfatizar que, a noção de mediação que figura nos autores citados, tende a desconsiderar os aspectos das muitas desigualdades existentes entre grupos sociais diferenciados nos espaços de encontro onde o samba está presente. Nesse sentido, este estudo buscou compreender o samba como forma de afirmação social evidenciando os aspectos da desigualdade, a história de preconceito e de perseguições que perpassam as trajetórias de sambistas até hoje em nossa sociedade. Nesse sentido, a citação que segue, retirada da pesquisa de Lima (2005), é representativa da concepção deste trabalho:

No processo de criação e organização das Escolas de Samba, na luta contra a perseguição sofrida pelos sambistas, na defesa de sua cultura, na ocupação dos espaços públicos, na ocupação dos espaços geográficos de moradia [...], a *cultura do samba* foi se forjando. Neste sentido, a afirmação da origem africana do samba e valorização desta história, ainda que tendo inúmeros entrecruzamentos culturais, é uma das formas de explicitar a presença dos negros na cultura brasileira. Ao ganhar uma visibilidade, torna-se uma afirmação do negro como ator sócio-político no cenário carioca e nacional. A criação das Escolas de Samba, por exemplo, não é somente um fenômeno artístico-cultural, mas social e político, significando visibilidade e ocupação do espaço público, numa forma de luta, de certa maneira organizada (através

² Revisões da bibliografia do campo de estudos sobre o samba podem ser encontradas em Araújo (1992 e 2005), A. Lima (2005) L. Lima (2005) e Silva (2006).

³ Refiro-me aqui ao conceito de cultura do samba formulado por A. Lima (2005).

das Sociedades Carnavalescas, Ranchos, Blocos carnavalescos e Escolas de Samba), que vem desde o século XIX [...]. (LIMA, 2005, p. 93).

O samba sempre tem sido enfatizado como exemplo na construção de um discurso que percebe a cultura afro-brasileira como um espaço de mediação, de reunião de grupos sociais distintos (CARVALHO, 2004). Uma discussão crítica em relação a essa idéia de integração é apresentada em estudos etnomusicológicos que trazem análises sobre as manifestações musicais afro-brasileiras. Alguns autores buscam evidenciar um outro lado da trajetória das manifestações afro na cultura brasileira. Segundo Ikeda (2006), apesar da valorização de manifestações musicais negras em nossa música popular, como é o caso do samba, não houve ao longo da história de “ascensão” desse gênero um efetivo processo de inclusão da população negra na sociedade brasileira:

[...] em todos os gêneros [lundu, maxixe, capoeira, jongo, ijexá, maracatu] temos um mesmo histórico: um período inicial de forte rejeição, opressão e proibição; passando depois por certa tolerância, seguida de aceitação; e posteriormente, a incorporação e muitas vezes, a apropriação e até expropriação de muitas formas, já então re-significadas como produtos artístico-culturais de grande valor simbólico agregado (IKEDA, 2006, p. 72).

Um outro aspecto ressaltado pelas pesquisas etnomusicológicas é a crescente formação de grupos de tradições musicais afro-brasileiras (como maracatu, jongo, capoeira, congado etc.) que, no entanto, são constituídos essencialmente por indivíduos brancos, de classe média, e em grande parte, universitários (CARVALHO, 2004, p. 77). Ou seja, ao mesmo tempo em que se observa atualmente um crescente interesse pelas manifestações culturais afro-brasileiras, pelas músicas consideradas “de raiz”, evidencia-se a dimensão da segregação, com a formação desses grupos que realizam *performances* em espaços outros, que não os ambientes das comunidades de onde se originaram essas tradições musicais:

No momento presente, porém, em que é possível criar um maracatu, uma capoeira ou um congado exclusivamente para brancos de classe média, a negritude histórica dessas tradições salta à vista e nos convida a revisar a falsa imagem de integração que sustentou até agora as teorias sobre o patrimônio cultural imaterial brasileiro (CARVALHO, 2004, p. 77).

A partir dessas leituras busquei aproximar-me de uma interpretação do samba que não estivesse desvinculada da realidade social na qual estão inseridos não somente do samba enquanto gênero de música, mas também as comunidades que estão envolvidas com a prática do samba. Nesse sentido, somam-se a essas referências estudos como *O samba conquista passagem: as estratégias e a ação educativa das escolas de samba de Florianópolis* (TRAMONTE, 1996), *Os bailes, as casas e a rua: o samba nas camadas populares de Florianópolis nas décadas de 1920 a 1950* (SILVA, 2000) e *Negros no Sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade* (LEITE, 1996) que enfocaram o samba e as comunidades negras em um contexto mais localizado, na região Sul do Brasil e na cidade de Florianópolis.

3 MÚSICA, SOCIALIZAÇÃO E O ESPAÇO COMUNITÁRIO DA ESCOLA DE SAMBA

Por meio das entrevistas realizadas com os integrantes da bateria da escola e também com os compositores da Embaixada Copa Lord foi possível compreender um pouco sobre algumas das formas de sociabilidade engendradas nos espaços da comunidade do Morro da Caixa/Mont Serrat. Os depoimentos enfatizaram a importância da criação do Clube Social

Copa Lord por volta da década de 1960. Segundo um dos compositores⁴ a motivação para a criação do clube teria sido a necessidade de fazer com que a agremiação desenvolvesse um papel “social e cultural” no espaço comunitário e não somente realizasse atividades no período de carnaval. O Clube foi criado então para atender uma demanda de festas comunitárias, como bailes, festas de aniversários, festas de casamento, etc.

Buscando estabelecer relações entre esse processo de organização comunitária e a trajetória da população negra da cidade de Florianópolis é possível compreender o Clube Social Copa Lord inserido em uma tradição de formas associativas da população negra local, as quais já se realizavam pelo menos desde a década de 1920, como as festas religiosas da irmandade de Nossa do Mont Serrat e os bailes em clubes ou sociedades recreativas. Cabe assinalar que, nesse período, não era permitido à população negra ocupar o espaço público da cidade para realização de seus folguedos (SILVA, 2000, p. 44; TRAMONTE, 1996, p. 83). Formaram-se então esses clubes, caracterizados por localizarem-se nos morros ou em áreas periféricas da cidade e pelo fato de só permitirem a entrada de negros que chamavam a atenção “pelo rigor da etiqueta” (TRAMONTE, 1996, p. 83). O surgimento desses clubes pode ser compreendido como uma estratégia de inserção da população negra na sociedade local, uma reação ao preconceito racial e possivelmente uma decorrência do fato de que existiam clubes na cidade que só permitiam a entrada de brancos.⁵

O repertório musical executado nesses bailes era diverso: samba, valsa, mazurca, xote, marchinha de carnaval, bolero, samba-canção, foxtrote (SILVA, 2000). Os encontros eram animados por *pequenas orquestras* (instrumentos de sopro) e *conjuntos regionais* (cordas e percussão), sendo que os instrumentistas eram, em sua maioria, militares ou integrantes de bandas de música. Segundo Silva (2000, p. 45) “o repertório desses músicos era bastante diversificado, variando de acordo com as canções que circulavam nas emissoras radiofônicas. Geralmente autodidatas estes músicos, sem conhecimentos teóricos, executavam todo tipo de música”. Nesses bailes realizava-se um fortalecimento dos laços de amizade e parentesco entre a população negra de Florianópolis, bem como o estreitamento de alianças entre bairros e morros mais distantes (SILVA, 2000).⁶

Em depoimentos de integrantes da bateria, os bailes realizados no Clube Copa Lord tiveram uma presença marcante, compondo uma série de traços – eventos, lugares, histórias – que formam a memória da agremiação. Os bailes a que se referem os batuqueiros nas entrevistas não são, no entanto, “antigos” encontros de serestas. Situados nas décadas de 1980 e 1990 esses bailes tinham como repertório de referência estilos como o pagode, o samba, o

⁴ Edu Aguiar, entrevista, 16/02/2006.

⁵ De acordo com Silva (2000, p. 37) “nos Clubes ou ‘Sociedades Bailantes’, onde só era permitido a presença de negros bem vestidos, a etiqueta era fundamental, constituindo-se numa estratégia dos afro-descendentes, como forma de afirmação social. Essas agremiações refletiam, no mínimo, a luta de uma classe pobre para inserir-se no contexto da cidade, às suas transformações e à conquista de um espaço público até então proibido”.

⁶ Em outras cidades do Brasil, como é o caso do Rio de Janeiro, já existiam clubes de dança com um perfil bastante semelhante ao das sociedades recreativas que surgiram em Florianópolis na década de 1920. Esses espaços de entretenimento e confraternização das classes populares eram, como algumas pesquisas buscam demonstrar, alvo de constantes repressões policiais e de diversas restrições ao seu funcionamento. Leonardo Pereira, em seu texto *E o Rio dançou. Identidades e tensões nos clubes recreativos cariocas (1912-1922)* nos mostra que: “Ao articular seus sócios a partir do lazer, essas associações lhes apareciam como um espaço de manifestação autônoma de suas próprias tradições festivas, expressas nos bailes de maneira inequívoca. Fosse disputando jogos muitas vezes tidos como ilegais pelos comissários ou delegados de polícia, tocando e dançando maxixes e sambas até então mal vistos pelos contemporâneos ou promovendo festejos que despertavam medo nos que não os freqüentavam, eles afirmavam, com danças e cantos, suas próprias práticas culturais [...]. Ao fazer do lazer um motivo de união, os sócios desses centros dançantes mostravam ter nos clubes um elemento de identidade. Extrapolando a simples recreação, eles formavam por meio dessas associações laços expressos em momentos diversos [...]” (PEREIRA, 2002, p. 427).

reggae, o *charm* e a música *black* americana.⁷ Na época desses bailes, em Florianópolis, existiam ainda poucos espaços de entretenimento para as comunidades envolvidas mais diretamente com o samba e as escolas de samba ao longo do ano, fora da época de carnaval. O Clube Copa Lord era um desses poucos locais de encontro, representando um dos mais importantes espaços de entretenimento para a juventude negra da cidade. O clube possibilitou a realização de experiências profissionais aos jovens, abrindo espaços para grupos de samba e de pagode e para equipes de sonorização e iluminação formadas pelos moradores da própria comunidade.

Alguns componentes da escola de samba que foram freqüentadores dos bailes nas décadas de 1980 e 1990 são atualmente mestres de bateria,⁸ *puxadores* de samba,⁹ lideranças importantes para o conjunto de batuqueiros.¹⁰ Tornaram-se agentes sócio-políticos atuantes na própria agremiação e também nos espaços do samba, e que, juntamente com outros integrantes da Copa Lord, dão seguimento à busca pela ampliação dos espaços para a cultura do samba na cidade de Florianópolis.

Assim como a organização das sociedades recreativas na década de 1920 revelava uma estratégia de inserção social da população afrodescendente no ambiente da cidade, também o Clube Social Copa Lord desempenhou esse papel, abrindo um novo espaço para a realização de atividades associativas e para a valorização da cultura negra.

4 OS ENSAIOS DA EMBAIXADA COPA LORD: ESPAÇOS DE SAMBA, SOCIALIZAÇÃO E CULTURA NEGRA.

Os ensaios públicos da escola de samba – que começam geralmente nos meses de novembro ou dezembro se estendendo por janeiro e fevereiro até o dia do desfile carnavalesco – realizam uma transformação no ambiente da região central da cidade. Muda-se a rotina da rua e da praça, que durante os dias do ano são lugares de passagem, de comércio, de trabalho e de movimento intenso, transfigurando-se em uma paisagem quase que deserta à noite. Quando chega a época do carnaval, o centro da cidade passa a ser freqüentado pelos componentes da escola de samba Embaixada Copa Lord, que nas noites de segunda a sexta-feira reúnem-se ali para tocar/cantar/dançar o samba-enredo a ser apresentado pela agremiação no desfile oficial do carnaval.

O evento central dos ensaios da Embaixada Copa Lord é a *performance* realizada pelos batuqueiros, *puxadores*, intérpretes e assistentes consistindo essencialmente na preparação do samba-enredo. Grande parte dos integrantes desse “núcleo” – dos envolvidos mais diretamente com a música – comparece aos ensaios juntamente com seus familiares, que geralmente integram também outros setores da escola de samba como a ala das crianças, a harmonia,¹¹ ala de baianas, ala coreografada, Velha Guarda, oficina de fantasias, o barracão etc. A esse “núcleo” acrescenta-se os moradores do Morro da Caixa (Mont Serrat) e também de outras comunidades localizadas no entorno do centro urbano, formando então o público que participa com maior freqüência desses ensaios. Além dos componentes que possuem um

⁷ Conforme as entrevistas de Eduardo Machado [“Du da Cuíca”] (18/11/2005), Edilson Rodrigues (21/11/2005) e Jeisson Dias (13/02/2006).

⁸ Mestre Tiko (Ademilton dos Santos) e mestre Ango (Anderson Damião Cardoso).

⁹ Jeisson Dias.

¹⁰ Eduardo Machado (“Dú da Cuíca”), Edilson Rodrigues Rosa.

¹¹ Na Embaixada Copa Lord a *harmonia* é o grupo responsável pelos quesitos “harmonia” (sincronismo entre o canto coletivo e o ritmo da bateria) e “evolução” (sincronia e continuidade no descolamento dos componentes), julgados nos desfiles carnavalescos. Nos ensaios, auxiliam na divulgação da letra do samba-enredo e são responsáveis pela organização dos componentes no espaço físico. Nos desfiles os integrantes da *harmonia* não utilizam fantasias, possuem uma indumentária diferenciada que se caracteriza pela discricção e localizam-se nas laterais e entre as alas.

envolvimento mais direto com a escola de samba os ensaios agregam um público bastante diversificado: pessoas interessadas em adquirir fantasias para participar do desfile, simpatizantes da agremiação, políticos locais, turistas brasileiros e estrangeiros, fotógrafos de jornais, equipes de redes de televisão (estes últimos com incursões momentâneas).

A localização central da Praça Fernando Machado torna os ensaios acessíveis aos mais variados grupos de participantes. A população dos morros do centro da cidade geralmente vai caminhando de suas residências ao local de ensaio, não sendo necessário realizar-se gastos com transporte. Para as pessoas provenientes de bairros mais afastados e também do continente, e que necessitam utilizar o transporte coletivo, a localização da praça também facilita o acesso, pois fica próxima dos principais terminais de ônibus. Além da facilidade de acesso aos ensaios da escola, pela localização central, há que se considerar também o fato de não ser necessário realizar pagamento para participar desse evento, que acontece na rua, minimizando assim a discriminação de participantes pela situação sócio-econômica. Esse aspecto também torna os ensaios da escola de samba um entretenimento acessível para a participação de núcleos familiares.

O ponto de encontro dos batuqueiros e componentes da Embaixada Copa Lord vai adquirindo um “contorno” bastante próprio, que vai sendo “desenhado” pelos participantes na medida em que avança o calendário dos ensaios. A aproximação tímida dos componentes nos primeiros encontros – com a bateria formada ainda por poucos ritmistas, com naipes ainda incompletos, quase nenhum passista, crianças ou adolescentes dançando em frente à bateria, a letra e melodia do samba-enredo ainda se afirmando na memória – vai aos poucos tomando forma de uma apropriação da praça, fazendo desse espaço um “território” da Embaixada Copa Lord. A existência de um grupo de participantes mais assíduos nesses encontros diários – como os integrantes da bateria, da harmonia, os passistas, as crianças, as baianas – faz com que os ensaios adquiram uma rotina própria onde esses componentes fortalecem o sentimento de pertencer ao grupo, afirmam a presença da escola de samba na cidade por meio de uma vivência que envolve os símbolos da agremiação como o samba-enredo, os gritos de guerra, os breques e convenções próprios da bateria.

Mesmo no período mais próximo ao desfile oficial do carnaval, quando se percebe um aumento considerável do público a rotina construída ao longo do período dos ensaios direciona as formas de comportamento na praça, preservando-se o espaço (e o *status*) conquistado pelos batuqueiros e dançarinos. Além disso, nessa época, do auge do calendário carnavalesco, não se observa somente o incremento de um público mais diversificado, como também cada vez mais se consolida a presença da população negra nos ensaios, que aos poucos vai ocupando e ganhando o espaço central da cidade. Nos últimos ensaios do ciclo carnavalesco, a grande aglomeração de pessoas pode dar a entender, para um observador mais desatento, que se trata de uma festa de rua, que não pressupõe necessariamente a existência de laços de amizade e parentesco entre os participantes. No entanto, tive muitas vezes a sensação de estar “dentro da casa” dos componentes da Copa Lord, tamanha era a presença e a força das redes de famílias e amigos que ocupavam a Praça Fernando Machado.

Se escolas de samba tiveram importância fundamental na conquista da visibilidade da população negra em Florianópolis, as suas inserções nos espaços públicos – seja para a realização de ensaios ou para a participação no desfile carnavalesco – são marcas expressivas da presença desses grupos na disputa social e política por espaço e reconhecimento social. De acordo com Tramonte (1996, p. 269) as escolas de samba em Florianópolis representam uma vitória das classes populares de origem negra, as quais suplantaram as formas europeizadas da festa, conquistando assim a hegemonia cultural no âmbito carnavalesco. No entanto, como bem afirmou a autora, essa luta por hegemonia é marcada por avanços e recuos. Como pude observar ao longo de seis anos de convívio junto à Embaixada Copa Lord, as escolas de

samba em Florianópolis têm enfrentado o desafio de manter os espaços conquistados para a cultura do samba diante das tentativas de invisibilização das manifestações afro-brasileiras.

No espaço de socialização dos ensaios da Copa Lord, foi possível perceber o fortalecimento dos laços familiares, a valorização da cultura negra, a intensificação do sentimento de pertencimento – através da vivência do samba-enredo propiciada pela prática musical em conjunto – e a transmissão de saberes valorizados pelo grupo. Os ensaios podem ser compreendidos enquanto um espaço para a construção de uma postura de resistência por parte da população negra, diante da conscientização revelada pelos componentes da agremiação sobre as tentativas de invisibilização da cultura do samba por parte do poder público. Muitas vezes, na impossibilidade de realização de eventos na sede da escola de samba, os ensaios realizados no centro da cidade representam também uma recriação do espaço da escola de samba, que se “materializa” na performance dos próprios componentes. Como afirmou Velloso (1990, p. 19), a cultura negra compreende o espaço enquanto energia participativa, trazendo para o próprio corpo a noção de território: “Assim, o espaço se transforma em energia móvel que pode ser transmutada e transportada incessantemente de um local para outro. Uma pessoa pode levar o ‘axé’ para outra; pelas mãos, pelos olhos e pela fala. Esse é um recurso para garantir o espaço de uma cultura constantemente ameaçada”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar das escolas de samba representarem para muitos uma padronização das formas de se “brincar o carnaval” no Brasil, conformada a partir do modelo carioca, este estudo possibilitou perceber que essas agremiações também podem ser compreendidas enquanto espaços para a construção da *diferença*. A Embaixada Copa Lord, uma escola de samba “tão igual” a tantas outras que existem pelo Brasil ganha um outro significado no contexto da região Sul onde a trajetória da população afrodescendente foi (e têm sido) marcada por seguidas tentativas de invisibilização. Quando já encaminhava a fase de conclusão desta pesquisa pude ainda me deparar com uma edição do *Diário Catarinense*¹² que dava início a uma série de reportagens tendo como tema Santa Catarina “A Terra da Diversidade”. Na capa do jornal há uma ilustração do mapa do estado preenchido com fotos de várias pessoas comuns e abaixo dessa imagem consta a frase: “Estado de vencedores”. Para minha surpresa (ou não!) não havia homens negros nem mulheres negras entre essa “diversidade” de indivíduos ditos “catarinenses” e “vencedores”. Santa Catarina se apresenta como a terra da diversidade, porém, leia-se: diversidade de culturas européias (açorianos, italianos, alemães, poloneses etc.). Apesar dos mecanismos de invisibilização da população negra terem sido apontados por pesquisadores há algum tempo, colocando a questão na pauta das discussões que visam uma mudança desse panorama, tais mecanismos continuam ainda atuantes, seja nas construções de imagens de Santa Catarina, como essa veiculada recentemente pela mídia, seja em outras instâncias como foi possível perceber nas falas dos componentes da Embaixada Copa Lord.¹³

Mesmo com toda a sua padronização, com todas as questões de mercantilização, espetacularização, e mesmo de branqueamento, a escola de samba emerge no cenário local/regional da cidade de Florianópolis como uma *diferença*, pois possibilita à população negra visibilidade na sociedade, destoando, e assim revelando a falsa imagem da predominância européia que se tenta construir no âmbito local. Nesse contexto, a escola de samba Embaixada Copa Lord se configura como um espaço onde parte da população afrodescendente de Florianópolis constrói, através práticas musicais, seja na esfera comunitária ou nas ruas da cidade, formas de sociabilidade que também podem ser

¹² *Diário Catarinense*, 24/07/2006.

¹³ Ver Silva (2006).

compreendidas como estratégias para combater os mecanismos de invisibilização da cultura negra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Samuel M. *Acoustic Labor in the Timing of Every Day Life: A Critical Contribution to the History of Samba in Rio de Janeiro*. University of Illinois at Urbana-Champaign, 1992. (Tese de Doutorado).

_____. Samba e coexistência no Rio de Janeiro contemporâneo: repensando a agenda da pesquisa etnomusicológica. In: ULHÔA, Martha e OCHOA, Ana Maria (Org). *Música popular na América Latina: pontos de escuta*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005. p. 194-213.

BLUMENBERG, Abelardo Henrique (Avez-Vous). *Quem vem lá? A história da Copa Lord*. Florianópolis: Garapuvu, 2005.

BORGES PEREIRA, João Baptista. A cultura negra: resistência de cultura à cultura de resistência. *Dédalo*, São Paulo, nº 23, p. 177-188, 1984.

CARDOSO, Fernando Henrique; IANNI, Octávio. *Côr e mobilidade social em Florianópolis: aspectos das relações entre negros e brancos numa comunidade do Brasil Meridional*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960.

CARVALHO, José Jorge de. La Etnomusicología en Tiempos de Canibalismo Musical. Una Reflexión a partir de las Tradiciones Musicales Afroamericanas. *Série Antropologia*, Brasília: Universidade de Brasília, nº 335, 2003.

_____. Metamorfoses das tradições performáticas afro-brasileiras: de patrimônio cultural a indústria do entretenimento. In: *Celebrações e saberes da cultura popular: pesquisa, inventário, crítica, perspectivas*. Rio de Janeiro: Funarte; Iphan; CNFCP, 2004, p. 65-83.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile*. Rio de Janeiro: FUNARTE; UFRJ, 1994.

GOLDWASSER, Maria Júlia. *O palácio do samba*. Estudo Antropológico da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora da UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

IKEDA, Alberto T. No carnaval pós-moderno, negro não tem vez. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 8 fev. 1997. Caderno Cultura, p. D8-D9.

_____. Do lundu ao Manguê-Beat. *História Viva Temas Brasileiros – Presença Negra*, nº 3, p. 72-75, 2006.

LEITE, Ilka Boaventura. (Org). *Negros no sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade*. Ilha de Santa Catarina: Letras Contemporâneas, 1996.

LEOPOLDI, José Sávio. *Escola de samba, ritual e sociedade*. Petrópolis: Vozes, 1977.

LIMA, Augusto César Gonçalves e. *A escola é o silêncio da batucada?* Estudo sobre a relação de uma escola pública no bairro de Oswaldo Cruz com a cultura do samba. Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC do Rio de Janeiro, 2005. (Tese de Doutorado).

LIMA, Luiz Fernando Nascimento de. Simbologia e significação no samba: uma leitura crítica da literatura. *Per Musi*, nº 12, p. 1-20, jul/dez 2005. Disponível em: <<http://www.musica.ufmg.br/permusi/port/index.html>>. Acesso em: 04 set. 2006.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. E o Rio dançou. Identidades e tensões nos clubes recreativos cariocas (1912-1922). In: CUNHA, Maria Clementina Pereira (Org.). *Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2002.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. *Carnaval brasileiro: o vivido e o mito*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

PRASS, Luciana. *Saberes musicais em uma bateria de escola de samba: uma etnografia entre os "Bambas da Orgia"*. Porto Alegre. Programa de Pós-Graduação em Música da UFRGS, 1998. (Dissertação de Mestrado).

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade*. Seguindo de Grupos Étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: Fund. Ed. da UNESP, 1998.

RODRIGUES, Ana Maria. *Samba negro, espoliação branca*. São Paulo: Hucitec, 1984.

SILVA, Áurea Demaria. *Ensino e aprendizagem musical na bateria da escola de samba Embaixada Copa Lord*. Florianópolis, UDESC, 2002. (Trabalho de Conclusão de Curso).

_____. *No balanço da "Mais Querida": música, socialização e cultura negra na escola de samba Embaixada Copa Lord – Florianópolis (SC)*. Dissertação (Mestrado em Música). São Paulo: UNESP, 2006.

SILVA, Eduardo da. *Para além de Momo: relações de força nos bastidores do carnaval florianopolitano*. Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ, 2005. (Dissertação de Mestrado).

SILVA, Marcelo da. *Os bailes, as casas e a rua: o samba nas camadas populares de Florianópolis nas décadas de 1920 a 1950*. Florianópolis, UDESC, 2000. (Trabalho de Conclusão de Curso – História).

SOUZA, Eronildo Crispim de. *Estudo da estrutura interna e das relações sócio-espaciais da comunidade do "Mont Serrat" – Florianópolis – SC*. Florianópolis, UFSC, 1992. (Monografia – Bacharelado em Geografia).

TRAMONTE, Cristiana. *O samba conquista passagem: as estratégias e a ação educativa das escolas de samba de Florianópolis*. Florianópolis: Diálogo, 1996.

_____. Com a bandeira de Oxalá! Trajetórias, práticas e concepções das religiões afro-brasileiras na Grande Florianópolis. Itajaí: Ed. da UNIVALI, 2001.

VELLOSO, Mônica Pimenta. As Tias Baianas tomam conta do pedaço: espaço e identidade cultural no Rio de Janeiro. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 3, nº 6, p. 207-228, 1990. Disponível em: <<http://www.academiadosamba.com.br/monografias.htm>>. Acesso em: 27 jan. 2006.

VIANNA, Hermano. *O mistério do samba*. 5.ed. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed.; Ed. UFRJ, 2004.